

**INTERSECCIONALIDADE, SEXUALIDADE E IDENTIDADE DE GÊNERO:
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE TERRITÓRIOS E
TERRITORIALIDADES DA COMUNIDADE LGBTI+ EM BELO HORIZONTE**

Marcela Sampaio Magalhães Alves de Amorim

Programa de Pós-Graduação em Geografia: Tratamento da Informação Espacial – PUC Minas

marcelasampaio32@yahoo.com.br

RESUMO:

A comunidade LGBTI+ é diversa. Reunidos em um único acrônimo estão grupos cuja luta por direitos básicos é comum, porém, a conquista desses direitos, bem como a visibilidade dentro e fora da comunidade, não se encontra em igualdade. Sendo assim é feita uma breve discussão teórica acerca de Sexo, Identidade de Gênero e Desejo, bem como a respeito da interseccionalidade. Posteriormente é feita a associação entre a temática acima citada e as categorias de território e territorialidades na análise da dinâmica espacial dos espaços de socialização *queer* na cidade de Belo Horizonte. Foi concluído que grande parte desses espaços se constituem como territorialidades Gays e Lésbicas, sendo os bares e os espaços públicos os locais de maior diversidade de indivíduos LGBTI+.

Palavras-chave: LGBTI+ .Territorialidades. Interseccionalidade.

GT-6: Território e ativismos sociais urbanos

1 INTRODUÇÃO

A temática LGBTI+ tem ganhado espaço na geografia ao longo da última década. Porém, assim como na sociedade, ao analisar os trabalhos é possível ver o destaque que a comunidade gay tem em detrimento das outras identidades na academia. A escolha deste tema está relacionada tanto à observação *in loco* da capacidade desses indivíduos de delimitar territórios e territorialidades, quanto à observação da abordagem temática nos periódicos de Geografia.

Apesar de não ser regra, este tema é comumente associado às geografias feministas, que de acordo com Cesar e Pinto (2015):

A corrente feminista, a priori, explorou a abordagem geográfica que centralizava as mulheres, focando basicamente a diferença corporal. Logo adiante, a noção do gênero enquanto socialmente construído associado à ideia de patriarcado, ganhou hegemonia e aliou-se com a geografia crítica (marxista), trazendo debates relacionados ao trabalho e propriedade. Assim, a noção de desconstrução do gênero se desenvolveu de forma associada à Nova Geografia Cultural, na qual instituiu a não linearidade entre sexo, gênero e desejo (CESAR e PINTO, 2015, p. 122)

Sendo assim, este trabalho, ao assumir um ponto de vista desconstrutivista quanto ao gênero, sexo e desejo, explicitando as diferenças entre os grupos sociais que compõe o acrônimo LGBTI+, se encaixa na perspectiva das Geografias Feministas e Queer.

Desta maneira o primeiro ponto a ser esclarecido é: Quem são os sujeitos, as diversas identidades que compõe o acrônimo? A sigla em si revela (ao mesmo tempo que oculta) esses sujeitos. Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros¹ e Intersexuais² compõe a parte visível do espectro da sigla mais usada. Legadas ao símbolo matemático de positivo (+) estão outras identidades do acrônimo, tais como os assexuais³, indivíduos não binários⁴, dentre outros.

¹ Termo “guarda-chuva” que inclui também transexuais e travestis, sendo estas pessoas cuja identidade de gênero dissona do sexo designado ao nascimento. Enquanto transgêneros e transexuais podem se referir a pessoas que se identificam com qualquer gênero, Travestis designam especificamente pessoas nascidas macho mas que se identificam com a identidade de gênero feminina. É uma identidade de gênero cuja expressão é exclusivamente regional, sendo o termo utilizado no contexto latino-americano.

² Pessoas cujas características físicas ao nascer não permitem a identificação do indivíduo como macho ou fêmea;

³ Termo que representa uma variedade de indivíduos cujo interesse sexual em outras pessoas é inexistente ou intensamente restrito;

⁴ Pessoas cuja identidade de gênero não se encaixa na dualidade masculino/ feminino.

Como foi demonstrado acima, ser LGBTI vai muito além de ter uma sexualidade dissidente da norma, reunidos ali estão identidades, corpos, desejos e sexos. Muitos adotam o termo *queer* como maneira de melhor expressar o que a comunidade representa.

Queer apresenta ressignificações ao longo de sua história. Em seu sentido original significava “bizarro, excêntrico, estranho passou a designar depreciativamente homossexuais a partir do século XIX” (FIGUEIREDO, 2018, p. 43). Ainda segundo a autora o termo foi apropriado pelo movimento LGBTI nos anos 80 e passou por um novo processo de significação. Agora *queer* representava, sem a conotação negativa anterior, as identidades e sexualidades desviantes da norma.

É diante deste leque de identidades que este artigo se desenvolve, sendo seu objetivo a espacialização dos espaços de lazer desta comunidade em Belo Horizonte juntamente a discussão da atuação destes indivíduos e suas lutas no espaço, na delimitação de territórios e territorialidades urbanas que expressem sua(s) identidade(s) através de relações simbólicas de poder.

Para que este objetivo seja atingido serão feitas duas discussões teóricas de grande importância para o tema. A primeira visa esclarecer a conexão entre as pautas LGBTI+ e o feminismo, bem como a aplicação da interseccionalidade como perspectiva analítica. A segunda discute as categorias de análise da Geografia que serão aplicadas ao estudo de caso, território e territorialidade, fazendo sua articulação com a interseccionalidade. Para a ilustração deste esforço teórico a cidade de Belo Horizonte, devido ao seu destaque no cenário LGBTI+ brasileiro, foi a localização escolhida para o estudo de caso.

Após estas discussões é feita a descrição do percurso metodológico traçado para que o mapeamento dos territórios LGBTI em Belo Horizonte fosse feito. Por fim são apresentados os resultados e discussões em relação a este mapeamento.

2 REFLEXÕES TEÓRICAS

Sexualidade, gênero e etnia: Uma perspectiva interseccional

É inegável a força e importância que uma frente LGBTI+ coesa teve e têm na história dos grupos que compõe a sigla. Entretanto, negar ou ignorar as diferenças entre eles acaba por tornar

invisível alguns grupos e suas necessidades em detrimento de outros. Dentro do movimento, existem homens e mulheres cis⁵ e trans⁶, há também pessoas que não se identificam com nenhum ou com mais de um gênero. Há indivíduos de diferentes classes sociais, origens étnicas, orientações sexuais, entre outros, que tornam alguns indivíduos mais vulneráveis à discriminação do que outros.

Sendo assim, a adoção da interseccionalidade como instrumento de análise neste artigo é essencial, visto que a equidade entre grupos e indivíduos queer, assim como na sociedade, é inexistente. Desta maneira, trabalhar com esta perspectiva nos permite enxergar o colapso das estruturas sociais dentro das militâncias (AKOTIRENE, 2018). Ainda é preciso explicitar que esta abordagem é essencialmente feminista e parte do princípio da existência do patriarcado, sistema de dominação masculina que sujeita mulheres à opressão.

Porém, antes de se aprofundar na análise sobre o que é a interseccionalidade torna-se necessária a discussão sobre o que é ser mulher e a noção de gênero, sexualidade e sexo, sendo que estes conceitos são chave na linha do pensamento feminista na qual está inserido este artigo. Para tal utilizaremos a visão de Judith Butler acerca da(s) Teoria(s) Queer.

Em “Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da identidade” (publicação original de 1990) Butler inicia a argumentação problematizando a centralidade da identidade “mulher(es)” como sujeito do feminismo. Neste sentido, a autora indaga a necessidade da delimitação de uma identidade feminina, que estaria sujeita à dualidade homem/mulher, desta maneira estando presa à semântica legitimada pelo discurso hegemônico. Em outras palavras, a busca da libertação das opressões através da definição de uma identidade reconhecida pelo sistema, e desta maneira presa a sua rigidez de sentidos, está fadada ao fracasso. É seguindo esta lógica que Butler propõe que as identidades tenham uma construção variável(...) que incluiria não só as lésbicas como também os transexuais e intersexuais (FIGUEIREDO, p.41, 2018).

Sendo assim, Butler (2017) rompe com as noções tradicionais elencadas ao sexo, gênero e desejo na construção da identidade. A autora questiona a ordem compulsória entre esses elementos e define a distinção entre sexo e gênero na perspectiva feminista:

⁵ Cis é a abreviação de Cisgênero, ou seja, indivíduos cuja identidade de gênero está em concordância com o sexo designado ao nascimento;

⁶ Trans é a abreviação de transgêneros, indivíduos cuja identidade de gênero está em dissonância com o sexo designado ao nascimento;

Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende a tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: consequentemente não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo. (BUTLER, 2017, p.25,26)

Por exemplo, um indivíduo ao nascer é definido como macho ou fêmea. Esta definição está carregada de sentido: espera-se que uma fêmea se identifique com a identidade de gênero feminina e sinta-se afetivamente e sexualmente atraída pelo sexo/gênero oposto. Desta maneira fica explícito o que a autora define por “Ordem compulsória” e “Heterossexualidade compulsória”. Desligar-se dessa compulsoriedade significa abrir espaço para a produção de novas identidades libertas desta lógica binária.

(...) quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que homem e masculino, podem, com igual facilidade, tanto um corpo feminino com um masculino, tanto um corpo masculino como um feminino. (BUTLER, 2017, p. 26)

Portanto, além de sexo e gênero ainda existe a categoria desejo, que também é independente das categorias acima citadas. O desejo, ou seja, o direcionamento da atração e da afetividade a outros indivíduos, não necessariamente reflete o sexo biológico ou a identidade de gênero.

Em uma sociedade baseada nas oposições, Homem – Mulher, masculino – Feminino, a heterossexualidade compulsória aparece nas tentativas de adequação do indivíduo a esse sistema. Utilizemos como base um outro exemplo. Um indivíduo nasce macho. Porém, no decorrer da vida, assume a identidade de gênero feminina. Na lógica de oposição e compulsão da heterossexualidade, presume-se que esta pessoa se sinta atraída por homens, devido a sua identidade feminina. Porém, na lógica de Butler, as variáveis são independentes. Esta pessoa poderia se sentir atraída por diversas outros gêneros que não necessariamente estariam atrelados a heteronormatividade.

Agora chegamos ao ponto da discussão no qual foi feita a conexão entre os movimentos feminista e LGBTI+. Explicitado como é importante a aproximação e consequente interação entre ambos, a discussão de como a interseccionalidade se aplica a este texto. Apesar de não se aprofundar no assunto, Judith Butler o menciona em “Problemas de Gênero”:

Se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais que invariavelmente ela é produzida e mantida. (BUTLER, 2017, p.21)

A discussão da interseccionalidade surge no contexto do feminismo negro. Akotirene (2018) afirma que as feministas negras, descontentes com o feminismo branco e o movimento negro (um reproduzindo racismo enquanto o outro reproduzia as estruturas de opressão do patriarcado) passam defender a análise da interação das estruturas de poder na sociedade e sua reprodução dentro dos movimentos sociais.

O termo foi cunhado pela jurista americana Kimberlé Crenshaw e popularizou-se após a Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Conexas de Intolerância no ano de 2001 (AKOTIRENE, 2018). Nesta visão Crenshaw trabalha com o conceito de “avenidas identitárias”, uma analogia para explicar a interação entre as diferentes formas de opressão:

A imagem que ela oferece é a de diversas avenidas, em cada uma das quais circula um desses eixos de opressão. Em certos lugares, as avenidas se cruzam e a mulher que se encontra no entrecruzamento tem que enfrentar simultaneamente os fluxos que confluem, oprimindo-a. (PISCITELLI, p.267, 2008)

Assim como fez Butler, porém agora sob o ponto de vista racial, Akotirene (2018) ressalta a inseparabilidade do feminismo negro e das identidades diversamente construídas:

O feminismo negro dialoga concomitantemente entre/com encruzilhadas, digo, avenidas identitárias do racismo, cisheteropatriarcado e capitalismo. O letramento produzido neste campo discursivo precisa ser aprendido por Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, *Queer* e Intersexos (LGBTQI), pessoas deficientes, indígenas, religiosos do camdomblé e trabalhadoras. Visto isso não podemos mais ignorar o padrão global basilar e administrador de todas as opressões contra mulheres, construídas heterogeneamente nestes grupos(...). (AKOTIRENE, 2018, p.18)

É a partir deste embasamento teórico, e do pressuposto de que, assim como na sociedade, os indivíduos *queer* não estão em equidade perante as conquistas por direitos, que faremos a análise dos territórios e territorialidades LGBTI+ em Belo Horizonte.

Território e Territorialidade

A luta da comunidade LGBTI+ se dá em diferentes esferas da sociedade. Junto ao Estado são reivindicadas a igualdade de direitos, o reconhecimento jurídico de suas identidades, a busca por leis mais severas que possam, quem sabe, mitigar a dor e a violência ao qual o indivíduo LGBTI+ pode ser vítima, dentre outros.

Na esfera da vida cotidiana suas identidades dissidentes da norma enfrentam desafios que para seus pares normativos não passam de experiências mecanizadas e casuais. O que para uma pessoa cisgênero pode ser uma simples ida a um banheiro público, para um transgênero, pode ser um grande entrave, comumente resultando em constrangimento ou até mesmo agressões físicas.

Este é apenas um exemplo de como o espaço está permeado pelas relações de poder, simbólicas e estruturais, sendo este territorializado. Há ainda os territórios LGBTI+ ou seja, porções do espaço que são apropriadas pela comunidade *queer* e tornam – se expressões espaciais de sua identidade. Quanto a esta apropriação Raffestin afirma:

O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação) o ator territorializa o espaço (RAFFESTIN, 1993)

O Raffestin fala da transformação do espaço a partir de atores, que imbricam no mesmo suas relações de poder. Em complementaridade a interpretação de Raffestin, Haesbaert (2010), versa sobre a impossibilidade de separação entre as categorias espaço e território. Para o autor:

Na verdade não se trata, evidentemente, de distinguir de maneira clara ou mesmo rígida espaço de território, Embora não equivalentes, como se referiu Raffestin, espaço e território nunca poderão ser separados, já que sem espaço não há território – o espaço não como outro tipo de “recorte” ou “objeto empírico” (tal como a noção de “matéria – prima preexistente” ainda não apropriada) mas, em caráter também epistemológico, como nível de reflexão ou “outro olhar”, mais amplo, cuja problemática específica, se confunde com uma das dimensões fundamentais da sociedade, a dimensão espacial. Ao território caberia, dentro desta dimensão, a focalização na espacialidade das relações de poder. (Haesbaert, 2010, p.166)

Para o autor, o território como categoria de análise geográfica pode ser visto por diferentes enfoques. Haesbaert (2004) explicita duas dimensões do termo, que, apesar de

distintas, interagem entre si na construção da realidade. Porém, para efeito didático o autor as separa em duas categorias opostas: território funcional e território simbólico.

Ao primeiro estariam legados os processos de dominação, o território sem territorialidade, o princípio da exclusividade, o território como recurso, valor de troca. Já no território simbólico se dariam os processos de apropriação simbólica, a territorialidade sem território, a convivência de múltiplas identidades, o território apresentado como abrigo, lar, como valor simbólico. O autor volta a ressaltar que tal separação na realidade é impossível, que os territórios são permeados por ambas categorias.

Sendo assim, conclui-se que os territórios são, essencialmente, os espaços da contradição. Da disputa por poder. De atores hegemônicos e não hegemônicos. E esta disputa se dá em diferentes escalas.

Ao longo da construção teórica deste trabalho foi sistematicamente enfatizado que os LGBTI+ não estão em posição de igualdade em relação à sociedade e também relação ao próprio movimento. Isto resulta em um diferente ordenamento territorial, em diferentes territorialidades, visto que “As territorialidades são as representações dos tipos de uso dos territórios” (FERNANDES, 2009, p. 10)”. Sendo assim, esta temática será discutida ao longo das próximas seções.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

A execução deste trabalho consistiu em 3 etapas. A primeira foi a coleta dos dados primários, feita através da internet. Foi utilizado como referência o roteiro feito pelo site “Guia Gay BH”.

Este roteiro é dividido entre as seguintes categorias: Baladas, Bares, Cafés, Cine/Cabines, Esportes, Hospedagem, Igrejas, Points, Restaurantes, Saunas, Sex clubs. Algumas destas categorias encontravam-se vazias, enquanto a categoria esportes não tratava de um local, mas sim a divulgação de times esportivos fundada por/para LGBT’s.

Sendo assim, foi feita uma adaptação do roteiro fornecido pelo *site*. Foi averiguado através das páginas dos estabelecimentos na internet que todos os restaurantes citados também eram bares. Desta maneira foram unidos como “Bares/restaurantes”. “Points” referem-se a espaços públicos onde reúnem-se LGBTs, desta maneira o nome da categoria foi mudado para “espaços públicos”. “Sex Clubs” e “Esportes” foram excluídos pois não existiam

estabelecimentos nestas categorias. Posteriormente à reorganização das categorias foi feita a sistematização destes estabelecimentos no Microsoft Excel 2016.

Foi verificado que o roteiro do “Guia gay bh”, apesar de bem extenso, ainda falhava em abranger alguns dos espaços de socialização chave, cuja expressividade no cenário tornou-se mais recente. Desta maneira foram consultados informantes – chave que apontaram quais eram os estabelecimentos e onde se localizavam. Estes foram incluídos em complementaridade a lista fornecida pelo *site*.

A segunda etapa consistiu na criação do mapa de localização destes pontos, afim de verificar a dispersão espacial deles em Belo Horizonte. Para isso foi criada uma lista de locais no Google Earth e feito o download deste arquivo no formato KML. Posteriormente foi feita através do ARCGIS 10.5 a conversão do arquivo para *layer* e então *shape*. Foi então criado um mapa exaustivo mostrando a distribuição de todos os estabelecimentos por Belo Horizonte. A terceira etapa consistiu na determinação de qual o Público predominante em cada um dos estabelecimentos, de acordo com o acrônimo LGBTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgêneros, Travestis, Interssexuais). Esta etapa, assim como a primeira, teve uma abordagem mista.

Foi verificado que os sites de alguns estabelecimentos já forneciam a informação sobre o público alvo, como foi no caso das saunas. Porém em relação aos outros espaços, pouca ou nenhuma informação existia. Desta maneira a verificação foi feita com base em informantes chave, afim de verificar se os grupos acima citados frequentavam os mesmos espaços ou não além de trabalhos de campo à alguns pontos com a intenção de entender melhor a dinâmica de tais locais.

4 – ESTUDO DE CASO

Belo Horizonte: Territórios e territorialidades *queer* da capital mineira.

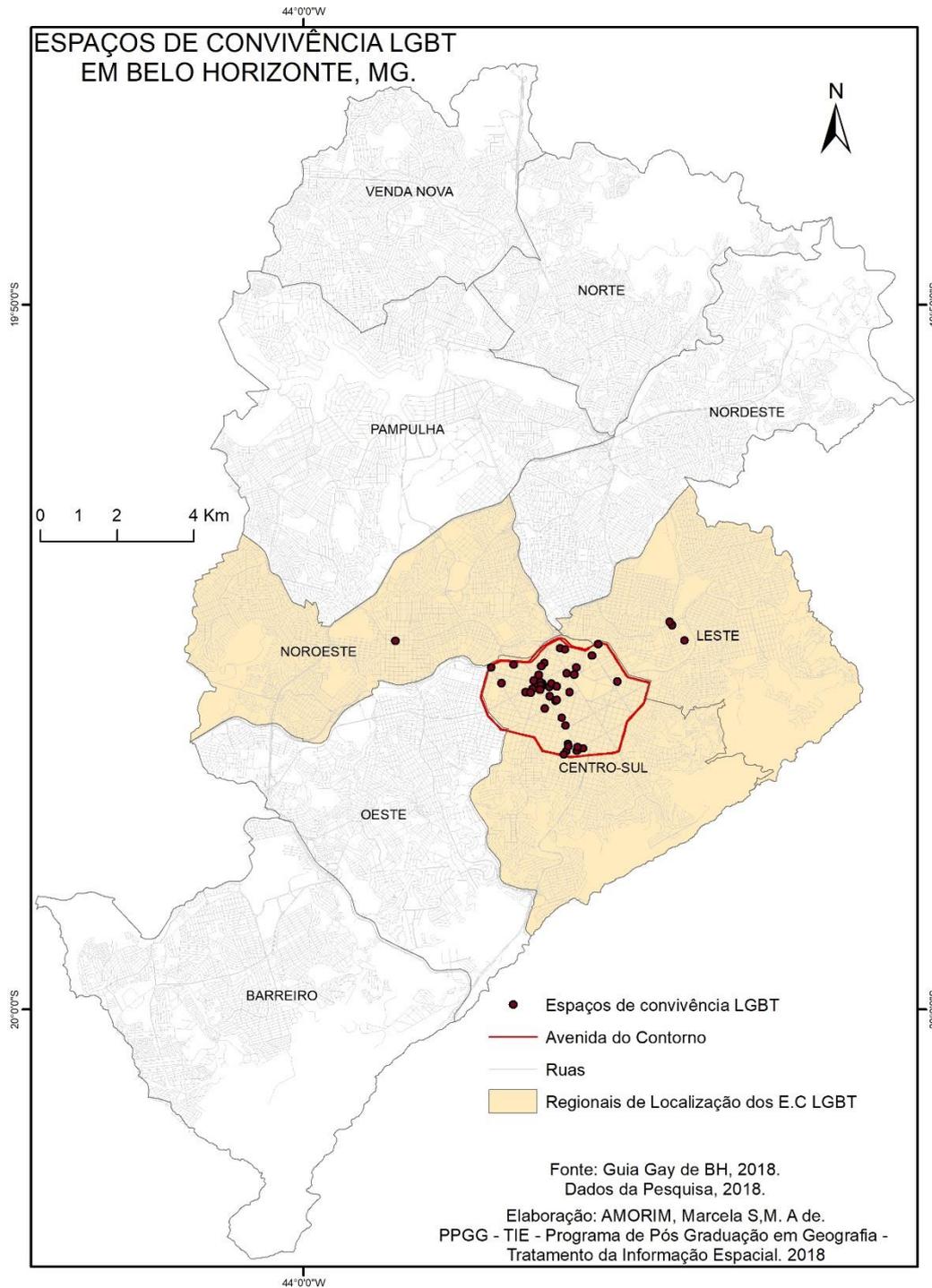
Faz parte da história de Belo Horizonte, assim como da maioria dos centros urbanos, a formação de territórios de grupos à margem da sociedade Cisheteronormativa. O livro Paraíso das Maravilhas: Uma história de crime no parque, livro escrito por Luiz Morando, faz a reconstituição de uma das territorialidades LGBTI+ do Parque Municipal Américo Renné Gianneti, evidenciada por um crime de caráter homofóbico ocorrido no parque no ano de 1946.

Sousa (2009), ao fazer a resenha do livro, ressalta a partir de qual período o parque passou a ser uma territorialidade das sexualidades divergentes, sendo que, “até o final da década de 1920 o parque servia ao lazer da elite belo-horizontina e que, a partir do final dessa década, passou a atender a dois interesses: um diurno, servindo ao passeio e locomoção de todos, e um noturno, que servia a encontros amorosos diversos” (SOUSA, 2012,p. 208). Segundo o autor, esta territorialidade legou ao parque outras denominações, tais como “Pátio dos milagres⁷”, “Recanto das Maravilhas” e “Paraíso das Maravilhas”.

Deste passado até os dias atuais, os territórios LGBTI+ se reconfiguraram e se expandiram, e até a atualidade é possível ver a importância da área central de Belo Horizonte para os indivíduos *queer*. No mapa 1 é apresentada os principais estabelecimentos de socialização desta comunidade:

Mapa 1 – Espaços de Convivência LGBTI+ na cidade de Belo Horizonte.

⁷ “Pátio dos Milagres” (espaço que na obra de Victor Hugo, O corcunda de Notre Dame, abrigava a população empobrecida junto com malfeitores e meliantes na antiga capital francesa) (SOUZA, 2009, p. 209)



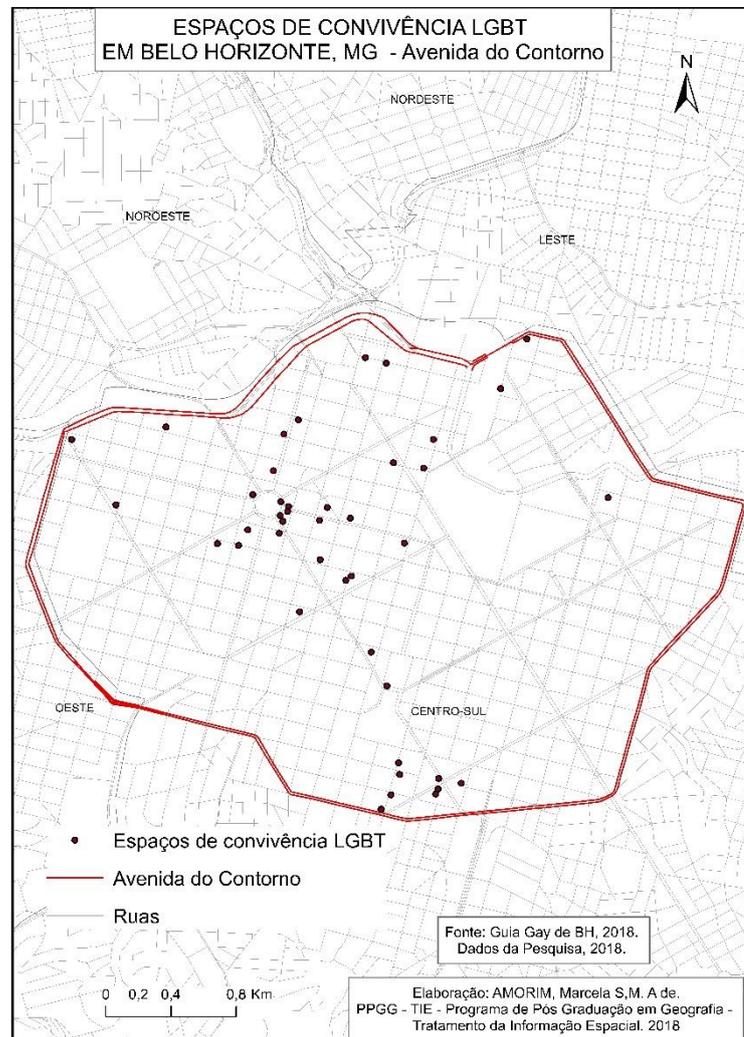
Fonte:

Guia Gay BH; Dados da pesquisa, 2018.

É evidente a aglomeração destes estabelecimentos dentro da avenida do contorno, área para qual foi feito o planejamento inicial da cidade de Belo Horizonte. É neste mesmo recorte que atualmente se encontra o hipercentro da cidade, região de grande dinâmica econômica, social e identitária. Estão ali presentes não só estabelecimentos LGBTI+ mas locais que atendem diversos públicos, das mais diferentes camadas sociais e econômicas.

Além deste recorte principal é possível ver, em proporção muito menor, uma aglomeração de estabelecimentos também na regional leste de Belo Horizonte, esta que concentra os bairros mais antigos da cidade, juntamente à regional Centro Sul. É também uma parte da cidade cuja agenda cultural é intensa, facilitando assim a expressão da diversidade de gênero e sexual.

Sendo assim o foco deste artigo será principalmente no recorte referente à Avenida do Contorno. Ao analisar este recorte é possível verificar que estes locais possuem um padrão de distribuição espacial, como pode ser visto no Mapa 2.



Fonte: Guia Gay BH; Dados da pesquisa. 2018

Nota-se a aglomeração dos locais de socialização em torno de dois espaços públicos notórios da capital mineira: a praça Raul Soares a Praça da Praça da Savassi (oficialmente Praça Diogo de Vasconcelos).

Em relação a primeira é possível notar que a própria praça é uma centralidade, visto grande concentração de estabelecimentos em seu entorno imediato, que, nesta área, também se encontram em grande parte dispersos entre as avenidas do Contorno, Álvares Cabral e Afonso

Pena. Quanto a Praça da Savassi as maiores concentrações são relativas a bares e boates, além de dois cafés voltados para o público.

Territorialidades LGBTI+: Lésbicas e Gays e mistas

Diferente da subseção anterior, cujo foco estava em analisar a dispersão dos locais de convivência LGBTI+ em Belo Horizonte, esta busca compreender se há manifestação espacial das diferenças de igualdade existentes dentro desta comunidade.

Ao buscar informações sobre o público LGBTI+ específico que frequenta cada um dos espaços foi possível chegar à conclusão de que os espaços de sociabilidade queer em Belo Horizonte, especialmente as boates, são divididas entre o público Lésbico e Gay. Dentre as sete boates abrangidas pela pesquisa, seis foram apontadas pelos informantes como predominantemente masculinas, enquanto uma, a Liberty Hall, foi definida pela maioria como uma boate de público majoritariamente feminino.

Em relação aos cinemas e saunas foi verificado que o público é, quase que exclusivamente masculino. Nos sites de algumas saunas, tal como a 269 Chilli Pepper Single Hotel, localizada na Avenida do Contorno deixam claro que são lugares exclusivos para homens.

Os bares são os locais de convivência, além dos espaços públicos, mais democráticos quanto a diversidade de pessoas *queer*. As únicas exceções são o Bar da Gabi, localizado fora da área central, na zona leste de Belo Horizonte, e o Villa Paraty, localizado no centro. Estes bares possuem um público composto predominantemente por mulheres.

Nos espaços públicos, mais especificamente nas praças Raul Soares, Diogo de Vasconcelos e da Liberdade é onde a diversidade atinge seu máximo. Além de diversos segmentos do movimento LGBTI+ há uma maior variedade em relação à classe econômica, faixa etária e etnia. Há a democratização deste espaço visto que ele não está condicionado à censura etária nem a necessidade de dinheiro para que possa ser utilizado.

Sendo assim quatro praças da região central de Belo Horizonte ganham destaque: as já mencionadas Praça da Savassi e Praça Raul Soares juntamente à Praça da Liberdade e Praça da Estação. Sendo assim, será explicitado uma pouco da dinâmica recente destes locais.

A Praça Raul Soares, além de concentrar uma grande quantidade de estabelecimentos em suas proximidades, tem uma importância expressiva para a comunidade LGBTI+. Após a revitalização do local, iniciada em 2007 e finalizada em 2008, a presença de pessoas e encontros *queer*. É importante ressaltar ainda que, antes da revitalização, a praça já representava um espaço

de convivência (e de moradia) para pessoas em situação de rua que não necessariamente eram LGBTI+. Desta maneira, ocupação deste local, em sua história recente, sempre esteve ligada às camadas sociais as margens da sociedade. A importância deste espaço é ainda marcada pelas festas e manifestações de cunho político, como exemplo a parada LGBTI+ de Belo Horizonte, cujo trajeto tradicionalmente se encerra na praça. Além disso diversos blocos de carnaval voltados para este público marcam suas concentrações próximas à praça.

Já Praça da Estação é o palco principal dos grandes eventos e manifestações, sendo eles queer ou não. Assim como a Praça Raul Soares este espaço é visto com discriminação pela sociedade belorizontina, o que levou a se caracterizar como um espaço de luta, resistência e acolhimento para indivíduos marginalizados. A importância destes espaços para a comunidade LGBTI+ belorizontina é representada com grande simbolismo pela já citada Parada do Orgulho LGBT da cidade: Tendo seu início na Estação (Figura 1) e terminando na Raul Soares.

Figura 1 – Chamada para a 22ª Parada do Orgulho LGBT de Belo Horizonte.



Fonte: Cellos BH, 2019

Já as Praças da Savassi e da Liberdade não concentram tantas manifestações explicitamente políticas quanto se comparadas aos seus pares. Suas principais territorialidades estão ligadas ao lazer dos finais de semana e tal fato pode estar relacionado principalmente à função históricas de tais espaços.

Diferentemente das praças anteriormente citadas, estas nunca foram vistas com descaso pelo poder público, mas sim o contrário: A Praça da Liberdade foi construída no centro do poder público mineiro, rodeada por prédios administrativos do Estado de Minas Gerais, de frente para o Palácio da Liberdade, a sede histórica do Governo do estado.

Atualmente é nesta praça onde mais ocorrem encontros semanais LGBTI+, especialmente entre adolescentes e jovens adultos. A dinâmica atual da praça aos finais de semana é fascinante do ponto de vista cultural. É possível perceber claramente a confluência de diversas expressões, identidades e corpos que antes pareciam caminhar separadamente, ou, ao menos, longe do olhar público: São manifestações da periferia, da cultura do funk, do hip hop juntamente com a cultura *mainstream*. Indivíduos *queer* ou não, de diversas realidades sócio-econômicas e culturais que provavelmente não se encontrariam em outros espaços. A pluralidade do espaço da praça da Liberdade é tão intensa que é um dos poucos locais voltados para o público que é possível ver pessoas transsexuais, mesmo que em proporção menor a outros indivíduos LGBTI+, em momentos de lazer nos quais podem expressar e viver suas identidades.

Desta forma se conclui que a Praça da Liberdade pode não ser palco de grandes manifestações políticas, porém, a presença destas identidades dissidentes em um local tão visível e prezado pela sociedade mineira, é efetivamente um dos maiores atos políticos possíveis no campo do simbólico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo versou sobre a unidade e a diferença da comunidade LGBTI+ bem como sua capacidade de delimitar territórios na cidade de Belo Horizonte. É importante ressaltar que este é um estudo preliminar, cujo aprofundamento é necessário para se compreender a complexa dinâmica da comunidade LGBTI+ na capital mineira.

Deve-se ressaltar que é impossível determinar com precisão a orientação sexual e/ ou identidade de gênero predominante entre os frequentadores das localidades, visto que nem todos indivíduos tem suas identidades marcadas pela binariedade, tanto em relação ao desejo quanto ao gênero. A definição das territorialidades como Lésbicas, Gays, mistas, dentre outros, partiu da subjetividade dos informantes e da própria autora, a partir da observação e das performances⁸ ali praticadas.

⁸ "Para Judith Butler (1990, 1996, 1997) (...) gênero e sexualidade se constituem materialmente através de atos performativos, ou seja, são atos de linguagem que não descrevem, mas constituem os sujeitos dentro de campos discursivos de saber e poder" (SILVA, 2015, p. 69)

A longo da construção do referencial teórico foi observado que diversos artigos falham ao abordar a temática LGBTI+ de uma maneira mais representativa, muitas vezes abordando os estudos gays (relativos ao homossexual masculino) como sinônimo para estudos LGBTI+.

Foi explicitado também a importante associação entre Feminismo, comunidade queer e interseccionalidade, utilizando como principal referência teórica a autora Judith Butler. Neste contexto foi discutido a complexidade na formação identitária, que vai muito além do binarismo baseado no sexo biológico e na heterossexualidade compulsória.

A predominância de territorialidades claramente gays e em menor proporção territorialidades lésbicas, por si demonstram como as relações de poder estabelecidas dentro da comunidade *queer* se materializam no espaço, sendo estas relações permeadas pelas estruturas da norma vigente. O masculino, no sentido mais tradicional da palavra, ainda é a parte mais visível do espectro LGBTI+ pois, ser Gay, para a sociedade, ainda implica em ser homem e cisgênero. Da mesma maneira ser lésbica implica em ser uma mulher cisgênero. A condição do desejo por pessoas do mesmo gênero torna-se secundária nas relações de poder à medida que a questão identitária adquire maior complexidade.

Desta maneira, quão mais distante da estrutura normativa vigente, menor será a expressão territorial deste grupo. Mesmo que expressiva, como é o caso das travestis que se prostituem nas avenidas Afonso Pena e Pedro II, ainda é o espaço da marginalização, da ilegalidade e do fetichismo em relação aos corpos *queer*.

Mesmo que existam espaços de confluência, como a Praça da Liberdade, ainda sim divisão entre as territorialidades é explícita.

6 REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **O que é Interseccionalidade?** Belo Horizonte, Letramento: Justificando, 2018.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero.** Feminismo e Subversão de identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2017.
- CELLOS MG. Disponível em: <<http://cellosmg.org.br/>> Acesso em: 15/06/2019



- FERNANDES, Bernardo Mançano. **Sobre tipologias de territórios.** In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (Org.) Território e Territorialidades: teorias, processos e conflitos. 1ª ed. São Paulo; Expressão Popular, 2009. p. 197-216
- FIGUEIREDO, Euridice. **Desfazendo o gênero:** A teoria queer de Judith Butler. Revista Criação e Crítica, nº 20, 2018.
- GUIA GAY BH. **Roteiro** Disponível em: < <https://www.guiagaybh.com.br/colunas/a-cena> > Acesso em: 20 dez. 2018
- HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade.** Periódicos Científicos UFRGS, Porto Alegre, v. 12, n.4, p. 1-20, 2004.
- HAESBAERT, Rogério. **REGIONAL – GLOBAL:** Dilemas da Região e da Regionalização na Geografia Contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- PISCITELLI, Adriana. **Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências migrantes brasileiras.** Revista Sociedade e Cultura, V. 11, 2008.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder.** São Paulo: Ática, 1993.
- SILVA, Marcos Aurélio da. **Da performance à performatividade:** possíveis diálogos com Judith Butler na antropologia de um festival de cinema. Revista Periodicus, Salvador, n.3, v.1, 2015.
- SOUSA, L. DE M. MORANDO, Luiz. Paraíso das maravilhas: uma história do crime do parque. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 2, n. 03, 27 nov. 2012.